

AS CONTRIBUIÇÕES DE CONTOS DE FADAS NA CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA INFANTIL

The Fairy Tales In Contributions Reading And Writing Process Construction
Child.

Lima, Eciône Félix de¹; Machado, Yzynyia Rezende Silva ¹,
ecionefelix@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo é resultado de uma proposta de trabalho pautada na reflexão sobre a importância de contos de fadas no processo de aquisição de leitura e escrita, desenvolvida em turma do Estágio IV do Ensino de Educação Infantil, numa Escola Municipal de Tibau do Sul – RN. O objetivo deste estudo foi desenvolver na criança o interesse pela leitura e reescrever histórias mesmo ainda sem saber ler e escrever convencionalmente; além de aprimorar as habilidades artísticas e ampliar os conhecimentos referentes ao assunto abordado. Como embasamento, baseou-se nas concepções de autores como, Ferreiro, Teberosky, Soares e outros teóricos que contribuíram para a construção do saber. O referido documento traz uma descrição acerca da experiência e prática educativa vivenciada com o propósito de relacionar teoria à realidade estudada. Para melhor entendimento, por parte do leitor, este trabalho foi estruturado em três partes: Na primeira, apresentam-se reflexões acerca da relevância dos contos de fadas aliadas a transmissão de conhecimentos e valores humanos; Na segunda, abordam-se o processo de leitura e escrita através dos contos de fadas; Na terceira, relatam-se a soma das vivências, atividades realizadas e contribuições sobre a aprendizagem das crianças e se conclui com as considerações significativas internalizadas durante a concretização desse estudo. Portanto, pressupõe-se que toda criança encontra nos contos de fadas um prazer para sua vida interior e para a compreensão do mundo, o que os tornam um campo de investigação para o professor e um recurso importante para o desenvolvimento cognitivo, a linguagem oral e escrita por possibilitar a análise crítica da realidade ao qual a criança está inserida.

Palavras – chave: Contos de fadas; Leitura e escrita; Prática pedagógica.

Abstract

This article is the result of a job offer guided reflection on the importance of fairy tales in reading and writing acquisition process, developed in Stage IV class of Early Childhood Education, a Municipal School of Tibau do Sul - RN . The objective of this study was to develop the child's interest in reading and rewriting stories even still unable to read and write conventionally; while enhancing the artistic skills and expand knowledge regarding the subject matter. As foundation, it was based on the views of authors such as, Blacksmith, Teberosky, Soares and other theorists who contributed to the construction of knowledge. This document provides a description of the experience and educational practice experienced in order to relate theory to reality studied. For a better understanding, on the part of the reader, this work was structured in three parts: In the first, we present reflections about the relevance of fairy tales combined with transfer of knowledge and human values; In the second, address the process of reading and writing through the fairy tales; In the third, to report the sum of experiences, activities and contributions made on children's learning and concludes with the significant considerations internalized during the realization of this study. So that every child pressupõe- find in fairy tales a pleasure for your inner life and understanding of the world, which makes them a field of research for the teacher and an important resource for cognitive development, oral language and written by enabling critical analysis of reality to which the child is inserted.

Key words

Fairy tales; Reading and writing; Pedagogical practice.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de uma proposta de trabalho pautada na reflexão sobre a importância de contos de fadas no processo de aquisição de leitura e da escrita na Educação Infantil, pois as histórias exercem grande fascínio nas crianças e permitem que estas entrem em contato com a fantasia inerente ao ser humano. Além disso, as histórias constituem, na grande maioria das vezes, o repertório dos primeiros textos, com os quais as crianças têm contato.

Convém ressaltar que a prática pedagógica foi realizada em uma turma do Estágio IV, com faixa etária entre 4 e 5 anos, do Ensino de Educação Infantil, numa Escola Municipal de Tibau do Sul-RN, no período de setembro de 2012.

O objetivo deste estudo foi desenvolver na criança o interesse pela leitura e reescrever histórias mesmo ainda sem saber ler e escrever convencionalmente; além de aprimorar as habilidades artísticas e ampliar os conhecimentos referentes ao assunto abordado.

Para melhor entendimento, por parte do leitor, este trabalho foi estruturado em três partes: Na primeira, apresentam-se reflexões sobre a relevância dos contos de fadas aliadas na transmissão de conhecimentos e valores humanos; Na segunda, abordam-se o processo de leitura e escrita através dos contos de fadas; Na terceira, relatam-se a soma das vivências, atividades realizadas e contribuições referentes a aprendizagem das crianças e se concluiu com as considerações significativas internalizadas durante a concretização desse estudo.

Portanto, pressupõe-se que o contexto em questão o torna um campo rico de investigação para o (a) educador (a), pois é um recurso importante para o desenvolvimento cognitivo, como também por possibilitar a análise crítica da realidade e sua transformação no contexto ao qual está inserido.

1. Reflexões acerca da relevância dos contos de fadas aliadas na transmissão de conhecimentos e valores humanos

Observa-se que a criança se interessa por histórias de príncipes e princesas, fadas e bruxas, feitiços e magias. Assim, podemos explicitar que os contos de fadas é uma das estratégias que oportuniza ricos momentos de socialização, visto que abre as portas da imaginação, da fantasia, do lúdico e do saber. Nesse sentido, Coelho (2000, p.151), reforça que

A literatura, em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/livro estimulado pela escola.

Desse modo, podemos entender que a literatura infantil é um gênero que ao fazer uso poderá contribuir para o desenvolvimento intelectual e social da humanidade.

Para complementar a ideia acima, a própria autora (2008, p. 27), acrescenta que —Os contos de fadas fazem parte desses livros eternos que os séculos não conseguem destruir e que, a cada geração, são redescobertos e votam a encantar leitores ou ouvintes de todas as idades.

Mediante essa afirmação percebemos que quão relevante é o contexto mencionado, pois toda criança encontra nos contos um prazer especial e um suporte precioso para a sua vida interior e para o maravilhoso e fascinante mundo da fantasia e do real.

Conforme se pode constatar, a partir de experiências imaginárias a criança amplia seu conhecimento, tira lições de vida e insere na sua própria realidade cotidiana. Sendo assim, Bettelheim (2004, p. 20) traz considerações importantes sobre o papel dos contos de fadas para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança.

Diante desse contexto, fica claro que a criança quando vivencia momentos significativos desenvolve a criatividade, desperta o interesse pela leitura e a escrita. Assim, todos os aspectos que contribuem para a formação e desenvolvimento da autoconsciência são possíveis através da literatura.

De acordo com Brasil (1998, p.163), —As vivência sociais, as historias, os medos de vida, os lugares e o mundo natural são para as crianças parte de um todo integrado.|| Nessa perspectiva, os contos são indispensáveis para o processo de construção de identidade da criança e para o amadurecimento intelectual, social, cultural e educacional, pois proporcionam a sua sociabilidade e condições necessárias para se conhecer o significado da vida. O próprio Bettelheim (1980, p.16) já citado, afirma que

É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões á imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ajuda mais importe: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens á criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida.

Outra importante consideração é-nos trazida pelo mesmo autor (2002, p. 23) no que se refere a influencia dos contos no processo de formação humana.

Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. (...) declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade.

É importante enfatizar que a literatura infantil precisa está mais presente no âmbito escolar. Segundo Brasil (1998, p.11), —o trabalho educativo pode, assim, criar condições para as crianças conhecerem e ressignificarem novos sentimentos, valores, ideias, costumes e papeis.||

Nesta visão, através dos contos de fadas as crianças têm possibilidades de viver uma infância mais plena e conseqüentemente tornam-se adultos mais harmoniosos, sociáveis e inteligentes.

Coaduna-se com essa reflexão Bettelheim (1980, p.26), quando ressalta que —(...) os contos de fadas têm grande significado psicológico para as crianças de todas as idades, tanto meninas quanto meninos, independentemente da idade e sexo do herói da estória.

Tendo em vista os aspectos observados, afirmamos que o gênero em questão apresenta um enredo sedutor, fabuloso e fascinante, como também possibilita novos caminhos para qualquer processo de conhecimento e transformação.

2. O processo de leitura e escrita através dos contos de fadas

Diante do contexto social, sabemos que a leitura e a escrita são consideradas como instrumentos de intervenção social, visto que esse processo é dinâmico, contínuo e que deve estar diretamente vinculado a sua diversidade e complexidade.

É de significativa importância mencionar que as histórias de bruxas e de fadas sempre encantam todos os que as ouvem. Além disso, possibilita um momento especial para o relacionamento entre a criança e o professor, pois todos estarão vivenciando a mesma fantasia. No que tange a aprendizagem da leitura e da escrita convencionalmente, os contos de fadas são gêneros literários que fortalecem o processo de alfabetização da criança.

Considerando que o ato de ler e escrever compõe elemento essencial no processo de aquisição, a alfabetização deve-se ser concebida como uma aprendizagem prazerosa.

Segundo Ferreiro (2001) a alfabetização passa a ser uma tarefa interessante que dá lugar a muita reflexão e a muita discussão em grupo. A língua escrita se converte num objetivo de ações e não de contemplação. É impossível aproximar-se dela sem medo, porque se pode agir sobre ela, transformá-la e recriá-la, é precisamente a transformação e a recriação que permitem uma real apropriação.

Face ao exposto, faz-nos perceber que não se deve mais alfabetizar mecanicamente, é preciso rever algumas concepções nas quais se apoiava o ensino, todavia, sair de uma prática anterior para um outro modelo de ensino, não se traduz por uma tarefa fácil, faz-se necessário compreender e refletir cuidadosamente acerca da qualidade da proposta de ensino e posteriormente escolher com qual se quer trabalhar.

Mediante essa evidência, entendemos que a alfabetização na perspectiva do letramento segundo Soares (2003, p.66-67), —cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais.

A partir de observações da realidade, abordagens teóricas e reflexões, ressaltamos que a criança em seu processo de apropriação da escrita passa por hipóteses e reconhecemos também que esta não chega à escola vazia, sem saber nada sobre a língua.

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1995) toda criança passa por quatro fases até que esteja alfabetizada: pré-silábica: não consegue relacionar as letras com o som da língua falada; silábica: interpreta a letra à sua maneira, atribuindo valor de

sílaba a cada letra; silábico-alfabética; mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas; alfabética; domina, enfim, o valor das letras e sílabas.

Assim, afirmamos que durante o processo de aquisição da escrita, é esperado que a criança elabore diferentes tipos de hipóteses e que estas, são, em geral, construtivos e não se fixam; ao contrário, são superadas no decorrer do desenvolvimento da aprendizagem, a partir do momento em que toma consciência dos mesmos e, ao experimentar tais conflitos cognitivos, constrói suas concepções sobre a leitura e a escrita.

Em outra afirmativa importante, Ferreiro (1985, p. 103) fala que —temos de nos preocupar em dar às crianças ocasiões de aprender. A língua escrita é muito mais que um conjunto de formas gráficas. É um modelo de língua existir, é um objeto social, é a parte de nosso patrimônio cultural.||

Nessa visão, acreditamos que a aprendizagem acontece por etapas não só de acordo com o ritmo daquele que aprende, mas também de acordo com o ritmo daquele que ensina, visto que o papel do (a) professor (a) na evolução do ser humano consiste em contribuir para o seu crescimento e, conseqüentemente, para a melhoria de toda sociedade.

Sabemos que o ato de escrever é um desafio difícil, porém, possível. Além disso, escrever é realizar operações mentais, é comunicar-se e, sobretudo, é um ato criativo e que, portanto, requer um cuidado especial desde o início da escolarização.

Essa aprendizagem é internalizada não por meio de exercícios, mas mediante a prática significativa. Ferreiro (1993, p.21) explicita que

Na concepção tradicional a escrita não se apresenta como um objeto sobre o qual se pode atuar, um objeto que é possível modificar para tratar de compreendê-lo e sim como um objeto para ser contemplado e reproduzido fielmente (sonorizado e copiado com igual fidelidade).

Nessas circunstâncias, a criança aprende a ler e a escrever por artifícios como o de usar modelos já prontos, no entanto, o que o (a) professor (a) precisa ter claro é que o uso da copia não será nocivo ao processo construtivo, desde que o mediador compreenda que toda e qualquer atividade desta área de aprendizagem deverá primar pela necessidade de abordar a escrita de modo produtivo, considerando seu caráter de funcionalidade. A esse respeito, Smith (1973, p.117) enfatiza que

Ler e escrever são processos frequentemente vistos como imagens espelhadas uma da outra, como reflexos sob ângulos opostos de um mesmo fenômeno: a comunicação através da língua escrita. Mas há diferenças fundamentais entre as habilidades e conhecimentos empregados na leitura e aqueles empregados na escrita, assim como há diferenças consideráveis entre os processos envolvidos na aprendizagem da leitura e os envolvidos na aprendizagem da escrita.

Nessa concepção, reconhecemos que o (a) professor (a) precisa gostar de ler e escrever, só assim a criança se tornará um leitor, um escritor, não no sentido de profissional da escrita, mas de ser um pesquisado, capaz de escrever com eficácia. Ferreiro (2007, p.18) acrescenta

—(...) As práticas convencionais levam, todavia, a que a expressão escrita se confunda com a possibilidade de repetir fórmulas estereotipadas, a que se pratique uma escrita fora de contexto, sem nenhuma função comunicativa real e nem sequer com a função de preservar informação.

Referindo-se o gosto de ler, a mesma autora (2007) explicita que a declaração sobre o prazer da leitura leva a privilegiar um único tipo de textos: a narrativa ou a literatura da ficção, esquecendo que uma das funções principais da leitura ao longo de toda a escolaridade é a obtenção de informação a partir de textos escritos.

Nesse sentido, o ato de ler e escrever contribui para que o aprendiz se desenvolva num contexto de trocas sociais e culturais. Para tanto, a contação de histórias em sala de aula é fundamental, uma vez que, a criança se apropriando da leitura passa a escrever melhor. Pavoni (1989, p.10) salienta que

As histórias de fadas e de mitos atraem as crianças, levando-as a se interessarem pela leitura. A consequência desta prática foi o desenvolvimento da expressão oral e escrita, a ponto do rendimento melhorar também nas outras disciplinas.

Em vista do contexto apresentado, ressaltamos que contar história para crianças pode parecer um fardo sem importância, mas é uma atividade de grande valor educativo, como também possibilita a reflexão para construir uma aprendizagem significativa.

3. Relatos da prática vivenciada

Inicialmente convém citar que a literatura infantil é um instrumento educativo valioso para o processo de ensino-aprendizagem, pois integram os aspectos históricos, teóricos e metodológicos fundamentais ao professor formador de leitores.

É fundamental, nesse momento, mencionar que a arte de contar história é uma atividade relevante para o desenvolvimento cognitivo e contribui significativamente

para o contexto social em que a criança vive, como também para as propostas a serem alcançadas. Segundo Vieira (2005, p. 08) —desde os primórdios da humanidade, contar histórias é uma atividade privilegiada na transmissão de conhecimentos e valores humanos

Para iniciar esta etapa conversamos com as professoras da Educação Infantil de uma escola municipal de Tibau do Sul-RN para investigar quais eram as maiores dificuldades das crianças e assim elaboramos a proposta de trabalho para oferecer ao público alvo momentos prazerosos que permitissem vivências significativas, propícias a construção do próprio conhecimento, bem como desenvolver atividades que despertassem no mesmo o interesse pela leitura e pela escrita.

Dentro deste contexto, cabe ressaltar que fizemos o primeiro contato com o público alvo, onde selecionamos previamente vários livros de literatura infantil (Contos Clássicos) e apresentamos para o mesmo. Em seguida realizamos uma roda de leitura, e dentre as quais foi escolhida pelas crianças o clássico chapeuzinho Vermelho. Nesse momento observamos como elas manusearam e o quanto se interessaram por este gênero. Para que tivessem o maior contato com a leitura deixamos os livros expostos na sala de aula.

Reconhecemos que esta é uma preocupação constante de grande parte dos (as) educadores (as). De acordo com Brasil (2001, p. 58, 2 v) —uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente.||

Sintetizando as etapas previstas, houve exibição do vídeo Chapeuzinho Vermelho, questionamentos quanto aos personagens que aparecem nos contos de fadas e a existência das fadas e das bruxas, reescrita da história assistida e a encenação do conto de Chapeuzinho Vermelho na versão de Edilene Pincinato e Elizabete M. G. Sereno. Referindo-se a esse contexto, Brasil (1998, p.172) reforça que

É também por meio da possibilidade de formular suas próprias questões, buscar respostas, imaginar soluções, formular explicações, expressar suas opiniões, interpretações e concepção de mundo, confrontar seu modo de pensar com os de outras crianças e adultos, e de relacionar seus conhecimentos e ideias a contextos mais amplos, que a criança poderá construir conhecimentos cada vez mais elaborados.

Nesse mesmo contexto, convém ressaltar que durante a realização das atividades propostas, constatamos que as mesmas foram interessantes para as crianças, pois não foi dar respostas às perguntas apresentadas, mas deixar que viessem às dúvidas, a incerteza entre o real e o imaginário. Sobre a reescrita do texto coletivo

pode-se dizer que foi um momento muito rico porque nesta ocasião, além de estarmos aprimorando a nossa prática, proporcionamos uma situação em que as crianças compartilharam entre si o processo de compreensão da leitura e da escrita convencional, por meio da troca de conhecimentos.

Referindo-se a realização da dramatização, afirmamos que foi de grande valia, pois as crianças ficaram encantadas com a graça da história encenada, com o encanto de outros personagens.

A reflexão sobre este trabalho permitiu-nos assimilar com clareza a importância dos contos de fadas no processo de aprendizagem das crianças e, como defende Lajolo (2001, p.85), a compreensão de que

A literatura é porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de cada um.

Assim, de acordo com afirmação, podemos perceber que a literatura é um rico meio para o desenvolvimento das habilidades da criança, como também é importantíssima para o aprimoramento do saber-fazer e acontecer no processo ensino-aprendizagem.

Portanto, fica evidenciado que o (a) professor (a) precisa conciliar a teoria a prática vivenciada, pois dessa forma o (a) mesma permanecerá construtor (a) de conhecimentos a partir do seu próprio trabalho com as crianças na sala de aula. Enfim, agindo assim, o (a) professor estará realizando um contínuo processo de construção.

2. CONCLUSÕES

Partindo do contexto em questão, fica a compreensão de que a literatura infantil reflete sobre a realidade, visto que possibilita desenvolver a criticidade mediante a situação real em que vive. Além disso, é um recurso valioso e relevante para a internalização do conhecimento.

No decorrer deste trabalho, procuramos despertar nas crianças o interesse pela leitura e a escrita por meio dos contos de fadas, e percebemos que elas tiveram

a oportunidade de vivenciar momentos propícios de prazer e estimulação pelo universo da literatura.

Com isso, afirmamos que por mais simples que seja um conto, esse pode se transformar em algo prazeroso e significativo na construção do conhecimento, desde que seja transmitido com dinamismo e emoção. Nesse mesmo contexto, é importante mencionar o papel do professor em ajudar as crianças na construção do saber. Tarefa por demais difícil, mas que, em contrapartida, provoca enorme prazer.

Por fim, compreendemos que o professor precisa conciliar a teoria à prática vivenciada. E só assim o mesmo permanecerá construtor de conhecimento a partir do seu próprio trabalho com as crianças na sala de aula. Acreditamos que agindo dessa forma o professor estará realizando um contínuo processo de construção.

Portanto, obtivemos êxito na realização do referido trabalho, pois nos permitiu o aprimoramento do nosso fazer pedagógico e aprendizagem das crianças, encontrando assim, no estudo dos lúdicos, um recurso a mais para o enriquecimento da formação humana.

3. REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise nos contos de fadas*. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. *A psicanálise dos contos de fadas*. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua portuguesa*. 3ª ed. Brasília: SEF/MEC, 2001. 3 v.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura; arte, conhecimento e vida*. São Paulo; Peirópolis, 2000.

_____. *O conto de fadas: símbolos – mitos – arquétipos*. 1. ed. – São Paulo: Paulinas, 2008.

FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre alfabetização*. 24ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

_____; EBEROSKY, A. *Reflexões sobre alfabetização*. 24ª ed. São Paulo: Cortez, 1995. _____ . *Com todas as letras*. 10ª ed. São Paulo. Cortez, 2001.

_____. *Com todas as letras* São Paulo. Cortez Editora. 14ª edição. 2007

LAJOLO, Marisa. *Literatura — leitores e leituras*. São Paulo: Moderna, 2001.

PAVONI, Amarílis. Os Contos e os Mitos no Ensino Uma Abordagem Junguiana. São Paulo: EPU, 1989.

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Alfabetização e letramento. 6ª ED. 5ª impressão-são Paulo: Contexto, 2003.

SMITH, F. Psycholinguistics and Reading. London: Holt, Rinehart & Winston, 1973

VIEIRA, Isabel Maria de Carvalho. O papel dos contos de fadas na construção do imaginário infantil. Revista Criança do professor de educação infantil, Brasília, Nº 38, p.8-9, jan.2005.

Recebido em: 17/04/2015

Aceito para publicação em: 30/04/2015